





horrorizada com a miséria e o sofrimento produzidos pelo capitalismo industrial. Mais que tudo, os anos de 1830 foram testemunhas da expansão de uma crise moral sem precedente, religiosa e de valores políticos experimentados pelos contemporâneos como o fim do “Velho Mundo”. A liberdade de imprensa, estabelecida no primeiro ano da Revolução de 1830, de repente, revelou aos olhos da sociedade, com um extraordinário grau de inquietude e ultraje acumulado durante a Restauração – período que combinava o poder autoritário do Antigo Regime com o materialismo da ordem burguesa – o triunfo do individualismo e o reinado do lucro. Na Igreja, o clero era incapaz de dar conta da ansiedade e miséria dos tempos. Acrescente-se a esse cenário o desapontamento das massas populares, que viram sua Revolução ser usurpada pelo rei burguês Louis Philippe.

Nesse quadro de descontentamento geral, a insatisfação feminina foi agravada pelo Código Napoleônico, que instituiu a “escravidão matrimonial”, a “masculinização” de profissões tradicionalmente femininas, aumentando a miséria entre as trabalhadoras. As publicações, entre 1830-1834 das novelas-debates *Indiana* e *Léia* de George Sand, de jornais feministas como *Journal des Femmes* ou o *Conseiller des Femmes*, sugerem que a intranquilidade e o descontentamento resultaram na formação de uma opinião pública das mulheres.<sup>9</sup>

Nesse contexto de crise generalizada e desesperada busca de novos valores morais e sociais, surge o movimento saint-simoniano, entre 1826-1834. Este teve grande audiência

e abrangência entre as mulheres e trabalhadoras; suas atividades forneceram um importante espaço para críticas sociais e debate para as principais questões sociais e políticas e, ao mesmo tempo, favoreceram uma vivência comunitária, solidariedade e experiência de uma nova moral sexual. Um impulso decisivo foi dado por Prosper Enfantin, líder carismático do movimento, que lança, em 1831, seu *Appel aux Femmes*, publicado no jornal *Le Globe*, desencadeando uma torrente de cartas de leitoras de Paris e da província. Ele convoca as mulheres a serem mulheres-messias, para iluminar os homens por meio da sensibilidade feminina; a serem “sacerdotisas”, apacando as discórdias civis; serem donas de seus corpos, livres para terem amantes sem serem acusadas de imoralidade; ou a serem mulheres de ação, tendo alta função social, exercendo uma influência benéfica na sociedade. Segundo Enfantin, para se atingir o estágio de uma sociedade pacífica, o principal guia da “nova era” deveria ser o “amor” e não a “razão”. Dessa forma, a mulher desloca-se para o centro da teoria saint-simoniana. Para Enfantin, a mulher seria “naturalmente” dotada de sentimentos, dissipando antagonismos e tornando-se um agente privilegiado na evolução pacífica para a “nova era”. A entrada da mulher no espaço público restauraria o equilíbrio inicial da sociedade, por meio da associação entre o princípio masculino de reflexão e o princípio feminino de “sentimento”. Essa associação seria expressa pela instância governamental na sociedade futura: o casal-papa, o PAI e a MÃE. Enfantin chega a organizar uma expedição ao Egito

R  
E  
V  
I  
S  
T  
A  
  
D  
E  
  
H  
I  
S  
T  
Ó  
R  
I  
A  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.

com o objetivo de encontrar a Mulher-messias. No entanto, os “missionários” retornam à Europa, em 1834, de mãos vazias. O movimento saint-simoniano fez-se pólo importante de atração para as mulheres. As trabalhadoras, em particular, encontraram lá um sentimento de pertencimento e suporte emocional, acesso à educação, da qual elas tinham sido excluídas, e uma fé messiânica na possibilidade de emancipação<sup>10</sup>.

Estimuladas pela confiança nessa nova proposta política, várias mulheres começaram a escrever. Adèle de Saint-Amand, por exemplo, redigiu, em nome do Colégio Saint-Simoniano, *Proclamation Aux Femmes sur la Nécessité de Fonder une Société des Droits de la Femme*. Surge também nesse período a primeira revista feminista na França, criada por Marie-Reine Guindorf, de 20 anos, e Désirée Véret, de 22 anos. O periódico, fundado por essas proletárias saint-simonianas em agosto de 1832, teve vários títulos como *La Femme Libre* e *La Femme Nouvelle*. Durou dois anos, encaminhando corajosas campanhas a favor da educação das mulheres e da melhoria de sua condição econômica e familiar, sendo fechado pelo golpe da lei sobre as associações. Esse jornal publicava apenas contribuições femininas. O tom de unidade do jornal era dado pela decisão das redatoras de assinarem com um só prenome, seguindo a convicção de que *a bandeira das mulheres é universal*<sup>11</sup>.

Pertencem a essa época também as *payennes*, que foram as saint-simonianas que usavam uma fita para indicar que elas eram inconstantes no amor; aquelas que permaneciam fiéis a um só homem

distinguiam-se por uma dália. Entre as *payennes*, quem mais se destacou foi Claire Démar com seu livro *Ma Loi d'Avenir*, no qual discutia os princípios do casamento, demonstrando que as razões da subordinação das mulheres na sociedade estavam vinculadas à sujeição a que se submetiam no casamento monogâmico, considerando *a exploração tirânica exercida em benefícios dos homens sobre as mulheres*. Claire Démar vive tão intensamente suas idéias que se suicida em 1833 com seu amante, Perret Désessart, após ter tentado pôr em prática suas teorias sobre a inconstância.

Pauline Roland descobre o saint-simonismo, aos 22 anos, por intermédio de seu professor de letras, em Falaise, lugar onde nasceu. Ela fez proselitismo o quanto pôde: ela incita um jovem pintor a se revoltar contra seu pai; ela converte ao saint-simonismo o subprefeito de Béthune e um professor de filosofia da faculdade de Caen. Sem ser bonita, ela tinha muito charme, e decidiu colocar todo seu poder feminino de sedução a serviço da causa social. Mais tarde, no final dos anos 40, ela retoma a obra de Flora Tristan para realizar a união dos trabalhadores. Foi presa diversas vezes, sendo extraditada para a Argélia, quando seus amigos e seu filho mais velho pedem a Luis Napoleão sua libertação. Este lhe concede anistia, em 1852, mas Pauline morre em Lyon, antes de chegar a Paris, em decorrência de seu estado debilitado e das péssimas condições de viagem da Argélia para a França<sup>12</sup>. As feministas saint-simonianas apelavam para as *mulheres de todas as classes*, em nome de seus interesses comuns. Suas idéias eram baseadas no



R  
E  
V  
I  
S  
T  
A  
  
D  
E  
  
H  
I  
S  
T  
Ó  
R  
I  
A  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.  
.

assegura que o mesmo acontecimento tem diferentes significados para diferentes pessoas.

No fluxo da interação social, os atores elaboram definições e redefinições contínuas acerca das ações dos outros e, portanto, também, de seu próprio papel. Por meio dessa dinâmica, os padrões de comportamento são criados, confirmados, desprezados ou revisados no curso da interação social<sup>15</sup>.

O interacionismo simbólico explicaria porque nem todos os contemporâneos de Flora Tristan pensavam e reagiam como ela. Mesmo compartilhando dos mesmos fatos fundadores, estes são experimentados e apropriados de forma diferente pelas pessoas de uma mesma época. A partir daí, podemos entender tanto o que Flora tem de comum com sua geração quanto aquilo que a faz diferir dos outros socialistas. Em sua obra, Flora irá sistematizar muitas das idéias que estavam circulando em seu meio. Como a influência fourierista em a *União Operária* é particularmente clara no seu plano de palácio operário, ou na sua exigência de reconhecimento do direito ao trabalho e de organização do trabalho, é inegável que ela deve aos saint-simonianos seu conceito de consciência da classe operária<sup>16</sup> e principalmente sua preocupação com a emancipação feminina. O fato de possuir elementos em comum com os outros socialistas de sua geração não ofusca o brilho de sua vida de militante apaixonada, apenas nos dá mais algumas pistas para analisarmos como ela se forjou como uma socialista, dando relevo ao que ela tem de particular. O socialismo de Flora não pode ser reduzido apenas a uma

síntese das idéias de sua época, pois há nele algo que é enriquecido pelos acontecimentos pessoais, amplificados pelo alargamento constante de seu interesse social, e ativado por um olhar permanentemente aguçado sobre a realidade.

## A UNIÃO OPERÁRIA

Segundo Leandro Konder, Flora, percebendo que seus esforços de uma realização pessoal tinham falhado, conclui que, se não podia ser feliz, devia ao menos empenhar-se em ser útil à massa sofrida dos trabalhadores e das mulheres do povo, ou seja, devia ser útil à humanidade.<sup>17</sup> Assim, Flora empenhou-se em multiplicar e aprofundar seus vínculos com o movimento operário francês, procurou informar-se melhor a respeito do que os trabalhadores realmente pensavam. Ainda segundo Konder, politicamente, Flora movia-se numa trilha estreita e escorregadia, entre os revolucionários, que optavam por um caminho insurrecional (como Auguste Blanqui), e os preconizadores de reformas superficiais, incapazes de mobilizar a massa dos trabalhadores para a criação de uma sociedade efetivamente nova. Por um lado, ela acreditava nas possibilidades de um bom entendimento com os radicais, aos quais faltava a dimensão do "amor"; por isso tentou (em vão) visitar na cadeia o revolucionário Armand Barbès, que estava preso por ter organizado, ao lado de Blanqui, em Paris, em 1839, uma sublevação promovida pela *Société des Saisons*. Por



do Iluminismo quando imputa à falta de educação intelectual das jovens sua condição de subordinação. Contrariamente, ela utiliza tons passionais para descrever a sujeição das mulheres na tradição filosófica e religiosa ocidental<sup>23</sup>. Se Flora reclamava direitos para as mulheres, não era em nome da superioridade das mesmas, era mais uma questão elementar de justiça, visando a um reequilíbrio das forças disponíveis no universo doméstico e no movimento social – um projeto que tem um sentido de utilidade. O capítulo *Pourquoi je mentionne les femmes* é endereçado aos operários, que representam, para Flora, a parte mais viva, mais numerosa e mais útil da humanidade<sup>24</sup>. À primeira vista, pode parecer que Flora deixa a emancipação feminina nas mãos dos homens quando apela aos operários. Contudo, o que ela está propondo é uma revolução nos costumes, em que todos deveriam tomar parte e reavaliar seus papéis de gênero. Flora antecipa a máxima tão repetida pelo feminismo contemporâneo de que o pessoal é político, na medida em que a revisão do relacionamento entre homens e mulheres é peça fundamental para a construção de uma nova sociedade.

Sobre a subordinação das mulheres, Flora pondera que: – *Até o presente a mulher não teve grande participação na sociedade. E qual foi o resultado? O padre, o legislador, o filósofo a trataram como uma verdadeira pária. A mulher (metade da humanidade) foi colocada fora da Igreja, da lei e da sociedade.* Segundo Flora, Aristóteles questionou se as mulheres têm alma e essa questão foi positivamente respondida no

concílio de Mâcon, com a diferença de três votos. É interessante observar como Flora conduz sua argumentação:

Assim, por três votos a menos a mulher seria reconhecida como pertencendo ao reino das feras brutas, e sendo assim, o homem, o mestre, o senhor seria obrigado a coabitar com a fera bruta! Esta idéia fez tremer e gelar de horror!... Isto causaria uma profunda dor nos sábios dos sábios pensar que eles descendem da raça feminina. Porque se eles estão realmente convencidos que a mulher é tão estúpida, que vergonha para eles de ter sido concebidos nas entranhas de tal criatura, de ter sugado seu leite e de ter ficado sob sua tutela uma grande parte de sua vida! Oh! é bem provável que se estes sábios pudessem colocar a mulher fora da natureza, como eles a colocaram fora da Igreja, fora da lei e da sociedade, eles apagariam a vergonha de descender de uma mulher – Mas felizmente acima da sabedoria dos sábios há a lei de Deus.<sup>25</sup>

Geneviève Fraisse nos esclarece que este concílio de Mâcon, de 586, em que se discutiu se as mulheres possuíam alma ou não, era uma lenda. De fato, houve um sínodo provincial em 585, no qual se indagou se o conceito de homem, tal qual o *mensch* alemão, incluiria ao mesmo tempo







marido, inúmeras gestações, doenças, falta de trabalho, e miséria, acrescidas a esta cena quatro ou cinco crianças gritando, turbulentas e enjoadas, em torno da mãe, num quarto pequeno. *Seria preciso ser um anjo descido na terra para não se irritar e não se tornar bruta e má numa situação como esta*<sup>39</sup>. A infelicidade das mães alcançaria os filhos, que, não tendo ninguém para tomar conta deles, iriam da *flânerie* para vagabundagem e, freqüentemente, da vagabundagem para o roubo.

A leitura de *União Operária* nos faz crer que Flora tem em mente a imagem, comum em sua época, de homem novo, laico e republicano, em oposição à mulher ignorante, repleta de religiosidade. Assim sendo, o homem recusa a igualdade democrática a esta mulher – o direito de voto, notadamente – por medo de seu conservadorismo intelectual e moral. No momento em que o homem chega à condição de autonomia individual, a uma posição de sujeito, a mulher consagra sua dependência ao mestre; ao passo que o homem emancipa-se da natureza, passando ao estado de “mestre e possuidor” dessa natureza para se tornar o intérprete e analista, sabendo reconhecer a evolução das espécies, a história da natureza, num sentido oculto, na biologia ou no inconsciente. A mulher é imperativamente chamada à sua função ancestral de reprodutora da espécie, em seu trabalho de mãe, em uma natureza fora do tempo. E, portanto, a mulher, esse ser natural e dependente, é suscetível de ascender aos privilégios do homem, herança da *égalité* da Revolução. Nesse sentido, o feminismo nascido em 1830 é a manifestação mais

visível. Agora a afirmação reiterada da diferença dos sexos tem uma dupla significação: as mulheres são excluídas do mundo político, colocadas à distância do novo regime político (República), mas ainda dão suporte àquilo que não lhes convém. Se a exclusão política é relativamente clara de se ver, o lugar da mulher na sociedade civil é bastante complexo. De fato, o espaço da sociedade civil, onde se acreditava estar o espaço privado e o espaço público, está atravessado de contradições suscitadas pelos diversos papéis da mulher, principalmente aqueles de filha, de esposa, de solteira ou “filha mais velha”. Como filha, ela coloca seu irmão, por meio do novo Código Civil, em pé de igualdade, pois a lei havia suprimido o direito de primogenitura; como esposa, ela é contrária a uma extrema dependência do marido, pois apesar da promessa de reciprocidade do artigo 212 do Código Civil, outros artigos desse Código levaram à ausência de vontade e de liberdade da esposa; como solteira, ela tem deveres, como pagar impostos, dever que corresponde normalmente ao direito censitário do cidadão, a partir de um certo nível de imposição fiscal. Se à exclusão política se devem os impedimentos civis, as contradições da sociedade civil indicam, entretanto, às mulheres as formas de sua emancipação<sup>40</sup>. Enfim, a responsabilidade de fazer os costumes permitiu às mulheres do século XIX se integrarem na *cit e*, via seus papéis de esposa e mãe; pelas práticas variadas, utópicas ou filantrópicas, buscando a transformação dos costumes, elas se impuseram como cidadãs.



- Notion de Contemporaneité. **Revue d'Histoire Moderne**. Paris: avril-juin, 1983. p. 257-270. p.266
- 7 GIRADET, op. cit., p.262
- 8 SIRINELLI, Jean-François. Génération et Histoire Politique. **Essay**. junho, nº. 22, 1989. pp.67-80
- 9 VARIKAS, Eleni. A Supremely Rebellious Word. Claire Démar: A Saint-Simonian Heretic. Argument-Sonderband as 185. **Literatur im historischem Prozeb**, Neue Folge 26. p.89-103. p.90
- 10 *ibid.*, p.91
- 11 ALEXANDRIAN, op. cit., p.370
- 12 *ibid.*, p.390- 396
- 13 DECAUX, Alain. **Histoire des Françaises**. Paris: Librairie Académique Perrin, 1992.p. 767-768
- 14 ALBISTUR, Maïté et ARMOGATHE, Daniel. **Histoire du Feminisme Français**.vol.1.Paris: Editions des Femmes, 1977.
- 15 SALEM, Tania. **O Velho e o Novo: Um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980. apud. Goldenberg. **op. cit.**, p.90.
- 16 Mesmo que se equivoque com a idéia de constituição de classes na sociedade formulada por Saint-Simon, na qual Flora confunde o fenômeno socioeconômico de longa duração que é a constituição de uma classe nova e o fenômeno político de média ou de curta duração de constituição de partidos representativos desta classe, vista como a disputa de poder pontual desses partidos.
- 17 KONDER, Leandro. **Flora Tristan: Uma Vida de Mulher, uma Paixão Socialista**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.p.81
- 18 *ibid.*, p.84
- 19 UO, p.12
- 20 *ibid.*, p.26.
- 21 *ibid.*, p.28
- 22 *ibid.*, p. 61
- 23 *ibid.*, p.69
- 24 Parafrazeando Saint-Simon, que se referia aos operários como a classe mais numerosa da humanidade, Flora o critica, acrescentando que, além de mais numerosa, o proletariado era a classe mais útil.
- 25 UO, p.185-186
- 26 FRAISSE, op. cit., p.232
- 27 UO, p. 188
- 28 *ibid.*, p.188
- 29 RONCAGLIO, Cynthia. **Pedidos E Recusas: Mulheres, Espaço Público e Cidadania**. Curitiba: Editora Pinha, 1996. p.23
- 30 *ibid.*, p.27
- 31 DECAUX, op. cit., p.757
- 32 *ibid.*, p.758
- 33 UO, p.194
- 34 UO, p. 195
- 35 *ibid.*
- 36 VARIKAS, Eleni.O Pessoal é Político: desventuras de uma promessa subversiva. **Tempo**. Niterói: Relume Dumará, vol. 2, nº 3, junho de 1997, p.59-80. p.63
- 37 RONCAGLIO, op. cit., p.21
- 38 FRAISSE (1995), op. cit., p.331
- 39 UO, p.199
- 40 FRAISSE (1995), op. cit., p. 336
- 41 UO, p.205
- 42 VARIKAS (1997), op. cit., p. 73
- 43 UO, p. 212